

O Estrangeiro -Albert Camus

Ana Elisabeth Brandalise

Camus é conhecido popularmente como o filósofo do absurdo. Para o autor, o absurdo não se trata de uma conclusão, mas sim de um ponto de partida. Antes de tudo, o absurdo é um sentimento que o indivíduo experimenta ao ser confrontado pela ausência de sentido de sua existência. O sentimento do absurdo se manifesta através dos atos desprovidos de razão do narrador. O narrador que, embora em primeira pessoa, não revela sua interioridade ao leitor. Narra sua história em primeira pessoa, mas com uma espécie de focalização externa. Meursault é estrangeiro ao mundo, a si mesmo e ao leitor, “precisamente porque procuramos nesse personagem e em sua história um sentido que ele constantemente nos nega”

O *Estrangeiro*, publicado em maio de 1942, em meio à Segunda Mundial, foi logo reconhecido como um divisor de águas na história da literatura, pois representava uma ruptura formal com o romance do século 19 e uma nova forma de apreender o mundo que saíria transformado após o final do conflito.

Camus inicia sua reflexão destacando precisamente que o absurdo não é uma conclusão, mas um ponto de partida. Ele é uma apresentação do "estado das coisas" e o ensaio é, antes de mais nada, uma tentativa de responder a esta pergunta: e agora, como viveremos? A maneira como Camus ilustra a descoberta do absurdo no ensaio por meio de uma imagem: "Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o "por que" e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro."

Ao contrário, na narrativa, o autor nos coloca sem mediação em contato com o sentimento do absurdo expresso através dos atos de Meursault: gestos desprovidos de razões, de alibis. Perguntado sobre o motivo pelo qual matara, ele responde que fora por causa do sol. Para poder condená-lo, o tribunal tenta “restituir-lhe a alma”, nas palavras de Sartre

“introjeta nele motivos que não tivera, maldades que não conhecera, uma coerência de atitudes que ignorara.” Esse tribunal não se satisfaz com a explicação absurda de Meursault e tenta dar sentido a seus atos, demonstrar por arrazoados que seu crime fora premeditado.

E voltamos aqui à questão do absurdo como efeito de leitura: o desejo de familiaridade, de unidade, de sentido que o homem busca no mundo é o mesmo desejo que o leitor buscaria no texto. Camus dá ao leitor um universo absurdo, para que o leitor tome consciência de sua própria absurdidade.

Fonte: Samara Geske FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO <https://fflch.usp.br/40091>